

A liderança da presidente Dilma Rousseff na mídia internacional: uma análise dos jornais *Le Monde*, *El Pais* e *New York Times*

Carla Montuori Fernandes¹

Introdução

O mandato presidencial no Brasil, que teve início em 1º de janeiro de 2011, marcou uma nova fase da política brasileira na mídia internacional. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deixou o cargo após oito anos de governo e indicou como sucessora a recém-eleita presidente Dilma Rousseff (PT), a única capaz de dar continuidade às metas e aos planos de governo deixados pelo ex-presidente.

A campanha de Dilma Rousseff contou com o forte apoio e a presença marcante de Lula (PT) no Horário Eleitoral Gratuito, nas propagandas e nos comícios. As peças publicitárias da campanha procuravam estabelecer o máximo de sintonia entre Lula e Dilma, causando em alguns momentos a impressão de que não havia diferença entre ambos. Já o adversário direto da presidente Dilma Rousseff (PT) na campanha, o candidato José Serra (PSDB) do partido de oposição ao governo petista, questionava essa suposta sintonia e fomentava as dúvidas em relação ao futuro do país, ao insinuar que a candidata de Lula romperia com a política vigente do sucessor.

A polarização da campanha ultrapassou a dimensão da opinião pública e da disputa partidária e ganhou espaço nas páginas da mídia internacional, com reportagens que ressaltavam a rivalidade entre os adversários, apontavam tendências futuras e declaravam sutilmente o favoritismo dos veículos de comunicação nesse embate partidário. Além disso, existia nas matérias publicadas pelo jornalismo internacional uma desconfiança em relação à candidata Dilma (PT) e ao continuísmo da era promissora iniciada por Lula no cenário mundial.

Era o que aparecia em matérias veiculadas pelo correspondente internacional da Espanha no Brasil, Juan Arias, no site ELPAÍS.COM, como a publicada com o título *O*

¹ A autora é Pós-doutora e Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Mestre em Comunicação e Cultura das Mídias pela Universidade Paulista (UNIP). É docente titular da Universidade Paulista (UNIP). Atua como professora na Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e no Centro Universitário Assunção (UNIFAI).

que virá depois de Lula?², que enaltecia a trajetória presidencial de Lula durante seus oito anos de mandato, com destaque para a posição que o país passou a ocupar entre as maiores potências emergentes do mundo, ao lado da China e da Índia. Na contramão, Arias questionava a candidata indicada por Lula, a petista Dilma Rousseff e associava sua imagem à da ex-guerrilheira e extremista de esquerda. A candidata do Partido dos Trabalhadores recebeu do correspondente Juan Arias severas críticas, ao enfatizar que ela: “É quase um anti-Lula, porque mais que uma improvisadora como ele, é uma gestora, que carece do carisma de seu chefe, que nunca disputou anteriormente eleições, nem para prefeita, e que chegou tarde ao Partido dos Trabalhadores”.³

Na mesma vertente, a reportagem do site do jornal *The New York Times*, publicada em 03 de outubro de 2010, trazia como tema a relação marcante entre Lula e Dilma ao pontuar que: “Especialistas não têm dúvida de que Rousseff irá prevalecer no segundo turno contra Serra”.⁴ A matéria mencionava ainda a presença constante e o apoio de Lula na campanha de Dilma, ao apontar que com 80% de aprovação, depois de oito anos no governo, o ex-líder carismático está em toda parte, virtualmente garantindo a vitória de sua sucessora escolhida a dedo. A reportagem não deixou de questionar a falta de experiência política e carisma da então candidata a presidente, Rousseff⁵.

O jornal francês *Le Monde* tratou de maneira semelhante a candidatura da presidente petista, ao destacar na reportagem do dia 1º de novembro de 2010 que, impulsionada pela alta popularidade de Lula, Dilma Rouseff foi eleita presidente do Brasil no segundo turno da campanha, com 56% dos votos contra 44% do seu adversário, o social-democrata José Serra.⁶ O texto jornalístico ressaltou que Dilma teve como principal trunfo de campanha o balanço econômico dos anos do governo Lula, cujo crescimento espetacular permitiu que mais de 10% da população saísse da linha de

² Después de Lula ¿qué? Disponível em:

<http://www.elpais.com/articulo/opinion/Despues/Lula/elpepuopi/20100215elpepiopi_12/Tes>. Acesso em: 26 de jan. 2011.

³ “Es casi un anti-Lula, porque más que una iluminada y una improvisadora como él, es una gestora, que carece del carisma desbordador de su jefe, que nunca se había presentado anteriormente a unas elecciones, ni para alcalde, y que llegó tarde al Partido de los Trabajadores”.

⁴ Analysts expressed little doubt that Ms. Rousseff, 62, would prevail in a second round against Mr. Serra.

⁵ Despite her lack of political experience and public charm, she has ridden a wave of prosperity and good feeling in Brazil under the leadership of Mr. da Silva, whose approval ratings hover near 80 percent.

Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/04/world/americas/04brazil.html>>. Acesso em: 26 de jan. 2011.

⁶ Propulsée par la popularité record de Lula, Dilma Rouseff a été élue au second tour de la présidentielle avec 56 % des voix contre 44 % à son rival social-démocrate José Serra. Disponível em:

<http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/10/31/bresil-dilma-rousseff-donnee-gagnante-a-la-presidentielle_1433679_3222.html#ens_id=1395239>. Acesso em: 21 jan. 2011.

pobreza. Como complemento o jornal francês ressaltava a falta de carisma da sucessora e enaltecia a política de Lula durante os dois mandatos presidenciais.

As reportagens veiculadas nos principais sites de notícias internacionais, a saber: *El País*, *The New York Times* e *Le Monde* funcionavam como indicativo dos obstáculos que a nova presidente enfrentaria para conquistar a simpatia da mídia internacional, assim como os desafios para impor um estilo de liderança que permitisse visibilidade a Dilma Rousseff, desassociando sua imagem com a figura bem-sucedida do antecessor, o ex-presidente Lula. A pesquisa realizada pela Agência Imagem Corporativa sobre o retrato que os principais jornais do mundo expõem do Brasil mostrou que, no terceiro trimestre de 2009, 85% das 783 matérias dispostas no Caderno de Economia e Política trazia uma imagem positiva e colocava o país como um *player* internacional.⁷

Diante de toda a visibilidade midiática de Lula (PT) no cenário exterior, faz-se importante questionar: Como foi a cobertura do primeiro ano de mandato da presidente Dilma Rousseff na imprensa internacional, sobretudo nos sites de maior visibilidade mundial? Que imagem de liderança foi associada à presidente Dilma Rousseff nos sites dos jornais *El País*, *The New York Times* e *Le Monde*?

A importância de estudar a imagem e a liderança do governo de Dilma Rousseff, a partir dos sites *El País*, *The New York Times* e *Le Monde*, é repleta de justificativas. A principal está relacionada à busca constante do ex-presidente Lula (PT), principalmente durante seu segundo mandato, para construir uma imagem positiva do Brasil no exterior. Segundo aponta Thais de Mendonça Jorge (2010),⁸ no exterior, o Brasil passa uma imagem de desenvolvimento e pujança, que, ao se misturar com a figura de um presidente líder e estadista, contribuía para o enfrentamento das situações mais adversas no cenário internacional e a ampliação das políticas de negociações com os parceiros comerciais ao redor do mundo. A justificativa deste estudo se complementa ao pontuar que os sites que servirão como objeto de análise estão entre os 14 jornais on-line mais influentes do mundo.

A metodologia utilizada será a análise de conteúdo, da pesquisadora Laurence Bardin (2000, p. 95), que estabelece três fases definidas para a análise de conteúdos jornalísticos, conforme segue: pré-análise, exploração do material e interpretação dos

⁷ A pesquisa foi feita em 14 dos principais jornais do mundo, como *The Washington Post*, *Le Monde* e *China Daily*. Disponível em: <<http://fdenoticias.wordpress.com/2009/11/03/pesquisa-mostra-que-lula-esta-certo-imagem-do-brasil-no-exterior-e-positiva/>>. Acesso em: 8 jun. 2010.

⁸ “Política de Comunicação garante sucesso do Brasil no exterior”. Disponível em: <<http://www.midiaepolitica.unb.br>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

resultados. A fase de pré-análise refere-se à organização do material propriamente dito e compreende a formulação das hipóteses e dos indicadores que fundamentam a interpretação final. Os indicadores das reportagens serão definidos segundo a evocação do nome de Dilma Rousseff no conteúdo jornalístico e as menções ao seu estilo de gestão, considerando os itens de maior repetição.

Para interpretação das notícias, veiculadas durante o primeiro ano de mandato de Dilma Rousseff, de janeiro a dezembro de 2011, foram desenvolvidas seis categorias, a saber: “As marcas do passado de Dilma Rousseff”, “O estilo de liderança de Dilma Rousseff”, “A ruptura com a política do antecessor Luiz Inácio Lula da Silva”, “A batalha contra a corrupção no governo de Dilma Rousseff”, “Dilma Rousseff e o campo político” e “A imagem da nova presidente Dilma Rousseff no exterior”. Para contribuir com a análise interpretativa das matérias jornalísticas, será utilizado o conceito de valência, com o objetivo de identificar o enquadramento atribuído ao novo presidente e à sua gestão.

Desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Opinião Pública – DOXA – do IUPERJ (Instituto de Pesquisa do Rio de Janeiro), o conceito de valência é uma metodologia que tem por finalidade verificar o enfoque dado às reportagens jornalísticas, buscando esclarecer se elas prejudicam ou beneficiam a imagem de um candidato, governo, ações e estratégias governamentais.

Liderança política: reflexões e desafios

A preocupação em desmistificar o termo liderança e construir um entendimento ampliado do seu sentido ainda ocupa o cerne das discussões do campo da “prática política” e do universo acadêmico. Quais são as habilidades da liderança? De que é feito um líder político? No início da Idade Moderna, Nicolau Maquiavel (1469-1527), pensador florentino, escreveu a obra *O príncipe*, um “clássico das Ciências Políticas”, dedicado ao governador de Florença, Lourenço de Médici. A obra *O príncipe* (1513) é uma espécie de tratado da política, no qual Maquiavel se propôs a relatar as condições de liderança que um monarca deve desenvolver para conquistar, reinar e manter o poder, resolvendo o inevitável ciclo de estabilidade e caos.

Apesar do distanciamento histórico, recorre-se aos ensinamentos do autor de Florença para compreender e analisar o cenário político em diversas instâncias: no

universo teórico e acadêmico, mas também no campo da prática política, na qual a manutenção da liderança e do poder são os maiores desafios. No Brasil, a obra de Maquiavel vem sendo utilizada como referencial para analisar a governabilidade, sobretudo dos que ascendem a cargos políticos majoritários, após o período de redemocratização (1985). O primeiro presidente do país, eleito pelo voto direto, Fernando Collor de Melo, que renunciou, dois anos depois da posse, em 29 de dezembro de 1992, por denúncias de tráfico de influência e irregularidades financeiras, foi interpretado às luzes dos conceitos de *virtú* e *fortuna*, pelo cientista político Carlos Melo, no livro *Collor: o ator e suas circunstâncias*.⁹

Para definir os conceitos de *virtú* e *fortuna*, Maquiavel recorreu aos clássicos da Antiguidade, contrapondo-os aos preceitos dominantes da Florença renascentista, que se baseava no dogma da predestinação. A *fortuna*, para os antigos, não era uma força maligna, mas a deusa grega do acaso, do imprescindível, da sorte, uma aliada potencial cuja simpatia era importante atrair. Essa deusa, representada por uma mulher, segundo os gregos, possuía os bens que todos desejavam e, para atraí-la, era preciso seduzi-la, mostrando-se como um homem de verdadeira virilidade, de inquestionável coragem (SADEK, 2006, p. 12). Sobre *virtú* e *fortuna* escreveu Maquiavel:

Não ignoro ser crença antiga e atual que a fortuna e Deus governam as coisas deste mundo, e de que nada pode contra isso a sabedoria dos homens [...] Todavia para que não se anule o nosso livre-arbítrio, eu, admitindo embora que a fortuna seja dona de metade das nossas ações, creio que, ela nos deixa senhores de outra metade ou pouco menos.

Pela simbologia, Maquiavel retrata a conquista dos novos governantes que, agraciados pela fortuna, precisam manter-se capazes de liderar, por meio da *virtú*, ou seja, da “virtude”, que não advém da vida moral ou religiosa, mas da capacidade de atuar conforme as circunstâncias e se adaptar aos acontecimentos da vida política, garantindo a manutenção do poder e o respeito dos governados.

Decorre daí a atualidade de seus escritos. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e professor emérito da Universidade de São Paulo, USP, escreveu o

⁹ A obra enfatiza as características pessoais e a personalidade política do ex-presidente Collor de Melo, a escassez ou o excesso de *virtú*, que impossibilitaram a compreensão da complexidade do sistema político de uma sociedade recém-democratizada.

prefácio da reedição da obra *O príncipe*, lançada em agosto de 2011, na qual fez uma reflexão sobre as origens e os preceitos de Maquiavel. Apesar de conhecedor da obra, os conceitos de Maquiavel também foram empregados para analisar os mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), a quem críticos e defensores, em diferentes ocasiões, atribuíram o título de “príncipe de Maquiavel”.¹⁰

O governo do sucessor de Fernando Henrique Cardoso na presidência do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, foi analisado na perspectiva das teorias de Maquiavel. Artigos acadêmicos interpretaram os oito anos da gestão de Lula (2002-2010) a partir dos conceitos fundamentais de *virtú* e *fortuna*, sem os quais o “governante” não garante a liderança. No texto *“Fortuna e virtú na trajetória de Lula”*, o pesquisador e historiador Lúcio Flávio Vasconcelos reconstruiu a vida política do ex-presidente, que como líder operário fundou o Partido dos Trabalhadores, distanciou-se do Partido Comunista, mobilizou setores intelectualizados da classe média e segmentos de trabalhadores com o sindicalismo de resultados, capitaneando setores desorganizados da sociedade, com base em uma retórica salvacionista.

A *fortuna* esteve com o ex-presidente Lula durante seu governo. O crescimento econômico que permeou a América Latina, mas, sobretudo o Brasil, permitiu que políticas públicas fossem implantadas beneficiando os setores populares. O ex-presidente petista contou com a sorte de um panorama internacional favorável, em função da ascensão dos países emergentes. Para Vasconcelos, Lula soube aproveitar a *fortuna* e demonstrou uma força política inigualável. A falta de carisma e de traquejo político de Dilma Rousseff era considerada o maior desafio para sua ascensão à presidência. O visível contraste entre o estilo de Dilma Rousseff e o perfil de liderança do ex-presidente Lula era noticiado pela imprensa nacional e internacional como uma desvantagem que a sucessora precisaria superar. Os atributos da dominação carismática e popular eram tidos como elementos imprescindíveis, como a *virtú* essencial para a conquista da legitimidade política no Brasil.

Outro preconceito que se manifestou durante a campanha esteve relacionado à suposta falta de habilidade da presidente Dilma Rousseff, para atuar no ambiente político brasileiro, seus fisiologismos e corporativismos. Isso porque, na prática, a base

¹⁰ “Críticos e defensores utilizaram a alcunha de ‘príncipe’ de Maquiavel sobre FHC”. In: COSTA, Glauco S. *Política e idealização em Fernando Henrique Cardoso nos anos de 1995 – 2002: o “príncipe” em questão?* 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

do governo de Rousseff, assim como dos antecessores Collor, Lula e Fernando Henrique, está sob a égide do presidencialismo de coalizão, um acordo que se estabelece entre os partidos (visando a ocupação de cargos no governo) e alianças entre forças políticas para alcançar determinados objetivos.

Na eleição de 2010, semelhante ao que ocorre desde 1994, a candidatura presidencial esteve polarizada em torno de dois partidos: PT (Partido dos Trabalhadores) e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). O PMDB não lança candidatos a presidência do Brasil desde 1994 e compõe as alianças partidárias com base em uma ideologia circunstancial, que se movimenta conforme os interesses e a conjuntura política, no apoio ao candidato com maior possibilidade de vitória nas urnas. Na constituição do governo, os partidos que compuseram as alianças partidárias cobram cargos públicos e ministérios, formando, assim, a aliança de coalizão governante.

Ficou a cargo da presidente Dilma Rousseff, antes mesmo de assumir o mandato presidencial, nomear membros dos diferentes partidos, sobretudo do PMDB, cumprindo a tradicional divisão de poder com os aliados. A trajetória é liderar a corrompida prática de coalizão, que exige concessões e habilidades políticas, para gerenciar uma estrutura que já possui bases estáveis de atuação. No poder, Dilma Rousseff terá o desafio de compatibilizar as composições políticas, manter a firmeza diante das pressões partidárias e garantir a governabilidade necessária para comandar o país. Poderá, entretanto, arcar com os custos da política herdada pelos antecessores e se distanciar do estilo audacioso, que demarcou toda a trajetória política que a conduziu à presidência do Brasil.

A presidente Dilma Rousseff e a mídia internacional

A vitória de Dilma Rousseff nas eleições presidenciais de 2010 representou a supremacia do discurso da continuidade, mas foi cercada de enorme repercussão na mídia nacional e internacional. O reconhecimento e o crescimento do Brasil como grande potência, a imagem positiva de Luiz Inácio Lula da Silva no exterior, com inúmeros prêmios e referências de grandes líderes políticos, faziam com que a imprensa internacional questionasse a suposta “falta de traquejo” da nova presidente, a quem eram atribuídos os títulos de “guerrilheira”, “sisuda”, “sem carisma”, “sombra de Lula” e “rigorosa”.

Nos primeiros meses de governo, a imagem da nova presidente ainda estava

vinculada às informações do seu passado e à força política de seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva. As principais definições da presidente Dilma Rousseff vinham acompanhadas dos termos: Ex-guerrilheira; Sombra de lula; Revolucionária; Ativista de extrema esquerda; Presa política; Grupo guerrilheiro da atual presidente brasileira. O quadro de valência refletiu um total de 13 reportagens que abordaram o passado de Dilma Rousseff, com cinco menções positivas e oito negativas.

É possível perceber uma concentração de reportagens com valência negativa no site do jornal espanhol *El País*, durante os meses de janeiro e abril. As referências ao passado da presidente brasileira estiveram em pauta nas reportagens veiculadas, sobretudo, durante o primeiro semestre do governo. Ao retomar o passado de Dilma Rousseff, as reportagens evocavam termos pejorativos para retratá-la. A reportagem “Rousseff viaja para a Argentina em sua primeira visita como presidente do Brasil”¹¹ já tenta desqualificar no primeiro mês de Planalto a liderança política da nova presidente brasileira com a frase “Dilma esteve toda sua carreira à sombra de Lula da Silva, sem submeter-se a uma eleição”¹². O jornal francês *Le Monde*, por exemplo, ao destacar a posse da presidente brasileira Dilma Rousseff, em 1º de janeiro de 2011, utilizou termos como “sucessora de Lula” e “ex-guerrilheira” na reportagem “Brasil: Rousseff faz juramento.”¹³

Concomitantemente, a mídia internacional ressaltava a personalidade e o estilo próprio de governar de Dilma Rousseff, já que a nova presidente surpreendia os meios de comunicação e os líderes políticos com um estilo de governar extremamente diferente de Luiz Inácio Lula da Silva. A denominação de ex-guerrilheira, que marcou as reportagens veiculadas no mês de janeiro, foi substituída pelo perfil de austeridade e firmeza da nova presidente. Os termos que marcaram o estilo de liderança da presidente Rousseff foram: Mão de ferro; Tecnocrata e burocrática; Pragmática; Eficaz e ágil; Exigente e sóbria; Ética e transparente; Governo com “personalidade própria”; Super-presidente; Líder competente.

O quadro de valência já indicava uma mudança de cenário, com um total de 14 reportagens positivas, que enalteciam a liderança de Dilma Rousseff, 4 neutras e apenas 3 matérias negativas. Entre as menções positivas da presidente Dilma Rousseff, a

¹¹ “Rousseff viaja a Argentina en su primera salida como presidenta de Brasil”. Disponível em: <<http://www.elpais.com>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

¹² “hizo toda su carretera política a la sombra de Lula da Silva, sin someterse a eleccion”.

¹³ “Brésil: Dilma Rousseff prête serment”. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr>>. Acesso em: 30 jan. 2011.

matéria publicada no site do jornal *NY Times* retratou a quantidade de mulheres que aparecem como líderes no novo século.¹⁴ Dilma Rousseff, economista, primeira mulher a governar a sétima economia do mundo e que, segundo o jornal norte-americano, já no primeiro ano de mandato vivenciou o maior crescimento do país em 25 anos, com o salto de 30 milhões de brasileiros que saíram da pobreza para a classe média, em apenas uma década. A liderança da presidente brasileira também foi tema da reportagem do site do jornal *El País*, veiculada sob o título “Super Presidente Dilma: ela manda”.¹⁵ As linhas do extenso artigo, que teceu inúmeros elogios para a presidente brasileira, narraram as qualidades de Dilma Rousseff no comando do Brasil, a começar pela ruptura com a figura do antecessor e padrinho político, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para o jornal espanhol, Dilma conseguiu impor seu estilo de liderança e, ninguém tem a menor dúvida, dentro ou fora, sobre quem manda no Brasil.

Em 15 de novembro, o site do jornal *New York Times* publicou um artigo sobre tema semelhante com o título “Construindo um caminho para as mulheres no Brasil”,¹⁶ no qual enalteceu o desempenho das mulheres brasileiras, em diversos setores. O jornal norte-americano apontou que no topo da lista não consta mais o nome de Gisele Bündchen, mas a presidente Dilma Rousseff, que, após suceder o ex-presidente Lula no planalto, saiu da sombra do seu mentor e provou ao mundo que é capaz de comandar uma potência econômica mundial, em pleno desenvolvimento.

Os primeiros passos de distanciamento da nova presidente Dilma Rousseff em relação à política internacional do ex-presidente Lula (PT) também despertaram a atenção da mídia internacional. A comparação com o governo Lula (PT) recebia um discreto destaque, porém o distanciamento e as medidas da nova presidente relacionadas à política externa estiveram nas pautas de inúmeras reportagens, sobretudo relacionadas à ruptura com a política nuclear do Irã e a reaproximação com os Estados Unidos da América. O site do jornal *New York Times* promoveu uma ampla cobertura da visita do presidente americano ao Brasil, em 17 de março de 2011. A matéria retratou o estilo visivelmente diferente de Dilma Rousseff que, em menos de três meses, saiu rapidamente da sombra do antecessor e impôs um estilo próprio de governar, sobretudo

¹⁴ “No Longer Is Leadership a Men's Club”. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

¹⁵ “Reportaje: superpresidenta dilma: manda Ella”. Disponível em: <<http://www.elpais.com>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

¹⁶ “Paving a Way for Women in Brazil”. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

em relação à política externa, favorecendo as negociações com os Estados Unidos da América.¹⁷

As principais frases que definiram essa ruptura foram: Dilma Rousseff se distancia de Lula; Dilma Rousseff se afasta do seu tutor; O discurso de Dilma foi um claro indicativo de mudança na política exterior; Saiu da sombra do seu sucessor; Impôs um estilo próprio e diferente de governar; Um novo Brasil; Dilma já não é mais Lula; Mais sensível à problemática de corrupção que o antecessor Lula. As mudanças na conduta da presidente Dilma Rousseff repercutiram de maneira positiva na imprensa internacional, com um total de 13 reportagens com valência positiva, enquanto apenas cinco obtiveram valência negativa e três neutras. O alto desempenho de Rousseff esteve relacionado à intolerância com a corrupção e as medidas econômicas adotadas para que a economia brasileira continuasse em crescimento.

A suposta falta de tolerância do governo de Dilma Rousseff contra as acusações de corrupção dos seis ministros que foram afastados, durante o primeiro ano de mandato, ajudou a consolidar a imagem de uma líder séria, eficaz e, sobretudo, ética. Rousseff passou a ser retratada pelas reportagens dos jornais como a presidente capaz de solucionar os problemas que afligem o Brasil desde o seu descobrimento: a ilegalidade do sistema político. Seguem abaixo os principais termos evocados nas reportagens: Dilma quer limpar a casa; Presidente intolerante com a corrupção; Operação de limpeza; Rigor e ética na gestão do dinheiro público; Tolerância zero na batalha contra a corrupção; Alérgica a qualquer tipo de ilegalidade. Apesar de as reportagens retratarem desacertos no sistema político brasileiro, a imagem de Dilma Rousseff saiu fortalecida, com 26 reportagens com valência positiva, 11 com valência negativa e cinco neutras.

A cada novo escândalo de corrupção, os jornais analisados retratavam a postura firme e ágil de Dilma Rousseff, negociando rapidamente a saída do ministro acusado. Há exemplo, o movimento brasileiro de jovens que promoveram uma marcha contra a corrupção,¹⁸ em diversas cidades do Brasil, na data em que se comemorou a Independência do país, ganhou uma ampla cobertura no site do jornal *Le Monde*, que retomou a necessidade de a presidente Dilma Rousseff promover uma ampla “faxina”

¹⁷ “In Obama Visit, Brazil’s Leader Aims to Mend Fences”. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

¹⁸ “Les Brésiliens veulent balayer la corruption”. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr>>. Acesso em: 24 set. 2011.

na administração pública, herança da era lulista. Com forte apoio popular, a reportagem reproduziu trechos do discurso da presidente brasileira que prometeu “tolerância zero”¹⁹ na batalha contra a corrupção. Segundo o jornal francês, a presidente Rousseff age com rigor, diante das denúncias de corrupção que envolve membros do governo, intervindo rapidamente no afastamento dos envolvidos.

Os questionamentos da liderança de Dilma Rousseff durante o período de campanha e logo após a sua eleição se desenvolviam em torno da governabilidade da primeira presidente mulher do Brasil. Apesar de contar com total apoio do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e manter firme a aliança com o PMDB, construindo uma forte base governista, a falta de traquejo de Rousseff era vista com o maior desafio para a política de coalizão, que exige maior capacidade de articulação política. Para descrever os passos da governabilidade da presidente brasileira Rousseff, durante o primeiro ano do mandato, as reportagens utilizaram os seguintes termos: Aproximação com a oposição (PSDB); Líder pragmática; Caráter forte e objetivo; Figura austera; Capacidade de driblar barreira; Posição firme e atuação rápida; Dificuldade para governar. A atuação de Dilma Rousseff no campo político permitiu a construção de 13 reportagens valência positiva e oito com valência negativa.

A reportagem do jornal El País, “Por que os brasileiros gostam de Dilma?”²⁰ ressaltou traços do perfil político da presidente brasileira, que em apenas seis meses de mandato conquistou a simpatia de 45 milhões de brasileiros, com sua posição firme e atuação rápida, diante dos casos de corrupção do governo. Com postura diferente do antecessor, o ex-presidente Lula (PT), que defendia os possíveis culpados, alegando que eram inocentes até que a justiça mostrasse o contrário, Dilma traçava um rumo diferente e afastava os suspeitos, até que provassem a completa isenção de culpa.

Em relação a visibilidade no exterior, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva acumulou durante o período em que esteve na presidência do Brasil (2002-2010) inúmeros prêmios e reconhecimentos internacionais. O perfil carismático e articulador do ex-presidente petista era frequentemente elogiado pela mídia e por líderes políticos de diversos países. A falta de carisma da presidente Dilma Rousseff, sobretudo no trato com a imprensa, gerou inúmeros questionamentos durante o período de sucessão. Entretanto, em apenas um ano de mandato, a presidente Dilma Rousseff foi retratada de maneira elogiosa pela imprensa internacional e, de maneira semelhante ao sucessor,

¹⁹Trad. “Dilma Rouseff promet la tolérance zéro”.

²⁰ “Por qué Dilma gusta a los brasileños”. Disponível em: <<http://elpais.com>>. Acesso em: 01 set. 2011.

recebeu reconhecimento como grande líder mundial, a considerar: Dilma está entre as 100 mulheres mais influentes do mundo; Primeira mulher a Assembleia Geral da ONU. Em relação ao reconhecimento da presidente Dilma Rousseff no exterior, foram veiculadas sete reportagens com valência positiva e apenas uma matéria com valência negativa.

Os jornais analisados reconheceram a figura de Dilma Rousseff como grande líder, conferindo visibilidade aos discursos e projeções da presidente brasileira nos encontros mundiais. Desta forma, a presidente Dilma Rousseff saiu dos holofotes negativos da imprensa e terminou o primeiro ano do mandato com reconhecida liderança no cenário internacional.

Considerações Finais

Ao assumir a presidência do Brasil, Dilma Rousseff possuía consideráveis desafios, entre os quais estava a consolidação de um estilo de liderança próprio, que desvinculasse sua imagem do ex-presidente Lula, e vencer a discriminação midiática e os estereótipos recorrentes nas relações entre os meios de comunicação de massa e a figura da mulher na política. No primeiro ano de mandato, a presidente Dilma Rousseff iniciou um caminho de aparente ruptura com a conduta do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O ponto mais crítico da gestão de Lula, a inércia diante dos escândalos de corrupção dos ministros e assessores, foi conduzido por Dilma Rousseff de forma intolerante e ágil. A presidente brasileira terminou o primeiro ano do governo com seis ministros afastados por suspeitas de corrupção. Longe de desmontar os esquemas de fraudes e resolver o fisiologismo da política brasileira, Rousseff se apóia na conduta ética para aparentar *virtú* necessária à permanência no poder.

Para Maquiavel, a sagacidade do príncipe também reside na tática da aparência e da dissimulação: “A um príncipe, portanto, não é necessário que de fato possua todas as sobreditas qualidades; é necessário, porém, e muito, que ela pareça possuí-las. Antes, ousar dizer que, possuindo-as e praticando-as sempre, elas redundam em prejuízos para si, ao passo que, simplesmente dando a impressão de possuí-las, as mesmas mostram toda a sua utilidade” (Capítulo XVIII). A astúcia de parecer possuir todas as virtudes é, para o autor florentino, mais importante do que tê-las. Para conquistar a admiração do povo, Maquiavel retrata que mesmo a ação dissimulada pode ser encarada como

virtuosa e o príncipe deve “[...] empenhar-se para que, em suas ações, se reconheça grandeza, ânimo, ponderação e energia” (Capítulo XVIII).

O possível engajamento de Dilma Rousseff para eliminar a corrupção no gabinete ministerial permitiu que a presidente, favorecida pelas representações midiáticas, construísse a imagem de líder racional, em constante luta para se livrar das amarras de políticos inescrupulosos. Até o estereótipo de gênero, associado à conduta rigorosa e rude da presidente, ajudou a compor a imagem de que é mais difícil corromper as mulheres do que os homens, no governo de Rousseff.

Já no cenário internacional, Dilma Rousseff é considerada uma importante liderança, que soube conduzir o país com diplomacia. Com o apoio da propaganda oficial, ao impor seu modelo de gestão, Dilma Rousseff incorporou um estilo de liderança técnico, rigoroso e ético, capaz de atrair a atenção dos meios de comunicação, conquistando expressivos índices de popularidade. Para grande parte da imprensa internacional, a presidente brasileira é tida como responsável por promover uma faxina no governo para acabar com a corrupção, ao demitir políticos de alto escalão.

O ex-presidente Lula se apoiou na imagem de líder carismático para garantir o prestígio no exterior, já a sucessora Dilma Rousseff está apoiada na imagem da líder burocrático-legal. Analisando os noticiários internacionais do jornal espanhol *El País*, do norte-americano *New York Times* e do francês *Le Monde*, foi possível perceber uma mitificação em torno da imagem da presidente brasileira, enquanto Dilma Rousseff consolidava os primeiros meses do mandato. Dilma Rousseff esbanja a *virtú* da líder firme e incorruptível, qualidades que os próprios meios de comunicação reforçam periodicamente. A presidente Rousseff imprimiu seu estilo de governar e derrubou o clichê de que ficaria à “sombra de Lula”, sobretudo no cenário internacional, quando rompeu laços com o regime do Irã e aproximou-se dos Estados Unidos da América, com o objetivo de eliminar as divergências causadas durante a gestão de Lula.

Entre suas realizações, Rousseff abriu caminho para o debate com a oposição, manteve a política desenvolvimentista do antecessor, o ex-presidente Lula, com forte controle inflacionário e rigorosa disciplina fiscal. Rousseff foi agraciada com a sorte de possuir um cenário internacional favorável, conseguiu evitar os efeitos da crise dos mercados financeiros norte-americano e europeu, e se beneficiou com o crescimento dos países emergentes. Adotou medidas firmes para enfrentar o agravamento da crise e implantou políticas para impulsionar o consumo interno.

Se a sorte, ou *fortuna*, segundo descreveu Maquiavel, deve ser árbitro apenas da metade dos atos do governante, sendo o controle da outra metade dado pela capacidade de agir conforme as circunstâncias, da inteligência aliada à sabedoria no uso da força, ou seja, da utilização virtuosa da força, o sucesso do príncipe está atrelado à posse da *virtú*. Até aqui, cabe dizer que Dilma Rousseff foi impetuosa na busca da *virtú* e soube conduzir a *fortuna*, mesmo diante de circunstâncias inóspitas do cenário político brasileiro. Terminou o primeiro ano do seu mandato com 71% de aprovação popular, índices maiores que os conquistados pelos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, durante o mesmo período. Para os próximos três anos, a presidente Dilma Rousseff precisará ser bafejada pela *fortuna*, para que a *virtú* de líder audaciosa seja reforçada e consiga conservar a deferência da imprensa e a admiração do povo.

Bibliografia

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

CALDEIRA, Helder. A 1ª Presidenta. Rio de Janeiro: Fapes, 2011.

CHAIA, Vera. Jornalismo e política: escândalos e relações de poder na Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo: Hackers, 2004.

GOMES, Wilson. A política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

JANINE, Renato Ribeiro. O quarteto e a fortuna. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/894251/o-quarteto-e-fortuna>>. Acesso em: 15 de set. 2011.

LIMA, Venício A. de. Mídia: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Porto Alegre: L&PM, 2006.

MELO, Carlos. Collor: o ator e suas circunstâncias. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007.

SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual sem virtú. In: WEFFORT, Franciso (Org). Os Clássicos da Política. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 7. ed. Lisboa: Presença, 2002.